

FHC e PSDB decidem lavar as mãos

296

Da Redação
Com Agência Estado

De Quebec, no Canadá, onde participa da reunião da Cúpula das Américas com outros 33 chefes de Estado do continente, o presidente Fernando Henrique Cardoso deu o pontapé inicial ao isolamento do senador José Roberto Arruda (DF) dentro do PSDB. Ele praticamente desautorizou os tucanos a moverem uma palha para que o caso da violação do painel de votação do Senado termine em pizza: "Não existe o meu apoio, nem a minha decisão para que se faça qualquer manobra para evitar a cassação. Pelo menos, no que diz respeito ao PSDB, porque o resto é decisão do Legislativo", disse o presidente. Ele se referia à tentativa de acordo entre os partidos para evitar a cassação dos mandatos de Arruda e do ex-presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), por causa do escândalo sobre a quebra do sigilo da votação que cassou o mandato do senador Luiz Estevão (PMDB-DF).

A declaração de Fernando Henrique foi estopim de um movimento pela expulsão de Arruda do partido. Presidente nacional do PSDB, o senador Teotônio Vilela Filho (AL) passou a sexta-fei-

ra administrando uma pressão para expulsar Arruda, por parte de militantes, parlamentares e dirigentes do tucanato. "O PSDB nunca teve essa mácula, foi atingido em cheio. É preciso dar uma satisfação à sociedade", justificou um dirigente tucano. "Eu ficarei surpreso se não houver um pedido formal de expulsão em dois ou três dias", avisou outro nome da cúpula tucana.

Esses políticos do PSDB acreditam que Arruda participou da operação que violou o sigilo da votação em que Estevão foi cassado. Firmaram essa convicção depois do depoimento da ex-diretora do Serviço de Processamento de Dados do Senado (Prodasen), Regina Borges, no Conselho de Ética do Senado. Regina se referiu a Arruda como o mandante e disse que ele apresentou o pedido como uma ordem do então presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães. A riqueza de detalhes deixou o alto tucanato estuporado: "O depoimento foi devastador", comentou um tucano.

RENÚNCIA

Dentre o PSDB, quem não defende a expulsão de Arruda, orienta o senador a confessar o crime. "Ele só tem uma saída: assumir que errou e renunciar ao mandato", avisou

Jefferson Rudy



ARRUDA (EM PÉ) COM ACM: OS DOIS TERÃO DE EXPLICAR DENÚNCIA SOBRE A VIOLAÇÃO DO PAINEL DO SENADO

um interlocutor de Fernando Henrique.

Para muitos políticos tucanos, Arruda não terá como se defender após a depoimento de Regina e ainda contará com um outro fator imponderável: Antonio Carlos Magalhães. "O ACM é o seu segundo problema e vai usá-lo como escudo para safar-se", apostou um dirigente do PSDB. Por este raciocínio, mesmo que seja comprovado o telefonema feito pelo senador baiano à ex-diretora do Prodasen, não há como contrapor a sua versão para a conversa. "Ele pode dizer o que quiser, pois ninguém presenciou ou ouviu a

conversa", diz outro político.

Antônio Carlos está hoje numa posição um pouco melhor que a de Arruda. Enquanto os tucanos deixam seu senador ao relento, os pefehistas se fecham em torno de seu maior líder e divulgam notas em sua defesa.

Entre Arruda e a imagem do PSDB, os tucanos nem pestanejam sobre o que preservar.

Com o isolamento de Arruda, o PSDB quer mostrar mais uma vez que o governo não compacata com erros e, indiretamente, reforçar o movimento contra a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Corrupção para apurar o rol de

denúncias de irregularidades no governo. De Quebec, ao dizer que os fatos relacionados à violação do painel eletrônico devem ser apurados no âmbito próprio, o presidente aproveitou para, mais uma vez, condenar a CPI. Àqueles que assinaram o pedido, o presidente alertou para que "não transformem as coisas que existem na política em obstáculo para a governabilidade. Isso é antipatriótico". Aos indecisos, fez um apelo: "Pensem no Brasil e ponham de lado que relas menores", disse Fernando Henrique. Segundo ele, isso não significa querer esconder a verdade "debaixo do tapete".